



Boletim Cultural Digital

O Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO II – NÚMERO 15 • 10 DE MARÇO DE 2012 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

“COLUNA QUEBRADA”



Em 12 de agosto de 2011, o médico alenquerense Francisco Flaiury Valente (foto acima), que em 26 de abril fará 61 anos, submeteu-se a uma inesperada cirurgia de vascularização cardíaca, em Belém. A operação, em si, realizado pela equipe do cirurgião Dionísio Bentes, foi muito bem sucedida. Mas o paciente passou maus bocados no pós-operatório, que o obrigou a uma permanência de quase dois meses no hospital, a metade deles na UTI, entre o consciente e o inconsciente, além de mais trinta dias em recuperação domiciliar.

É dele o texto (originariamente escrito para ser lido nas comemorações dos 80 anos da fundação da Loja Maçônica Fraternidade Alenquerense nº 11 em fevereiro último, cuja leitura, entretanto, não pôde ser feita nessa oportunidade por razões protocolares), sob o título de *Coluna Quebrada*, que o boletim agora reproduz na íntegra, por tratar de uma realidade recriada com rara sensibilidade e quicá vivida por muitos outros pacientes na fronteira do imponderável e da sombra da morte:

“O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Ele me faz repousar em campos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da Justiça por amor de seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não terei mal nenhum, porque Ele está comigo; o seu bordão e o seu cajado me consolam” (Salmo 23, de David).

“*Coluna* é uma palavra de origem latina, que significa sustentáculo vertical. Várias ordens arquitetônicas a erigem e ornamentam. Dentre seus significados e várias interpretações, na Maçonaria é relacionada ao ensino astronômico e ao Zodíaco. Além de lindos adornos, seu

conjunto representa o suporte de um Templo Maçônico e, assim, da Maçonaria Universal.

O fogo, à noite, e a fumaça, de dia, guiaram o povo de Jeová em sua fuga do Egito. Foram erigidas no átrio do Tabernáculo de Moisés e consagradas como *Colunas B e J* no pórtico do Grande Templo de Salomão. Posteriormente, foram destruídas pelos caldeus e seu bronze levado para a Babilônia.

Coluna é sinônimo de divindade. É a base de toda obra e prêmio de toda ação. Cada membro de uma Loja Maçônica é uma *Coluna* espiritual de seu Templo e o maçom, como um elo desta corrente universal, sustenta e adorna o santuário do Grande Arquiteto do Universo.

A *Coluna Quebrada* repousa num canto, pouco lembrada, quase esquecida. Simboliza os Irmãos falecidos e que já se encontram no Oriente Eterno. Só se faz presente nas Pompas Fúnebres. Dentro de um conjunto arquitetônico, poderia significar ruínas, desastre. Seria o elo aberto de uma corrente a enfraquecê-la.

Tantas civilizações mortas ou desaparecidas, hoje são representadas por *Colunas Quebradas*, que, embora ornamentem museus e nichos arqueológicos, causam imensa tristeza e dor, e, destarte, remetem ao passado, recordando seu apogeu e esplendor.

Mirando o passado dos Irmãos que já foram chamados pelo Senhor, o muito que fizeram e o exemplo de sua obra, busca-se neles a inspiração para o nosso comportamento atual. Penitenciando-me por qualquer injustiça por não nomear antigos Irmãos, fundadores de nossa Loja Maçônica e seus sucessores, agradeço o exemplo deixado por Irmãos contemporâneos, como Jorge Farah Sadala, Ethério Teixeira Monteiro, Genuíno Leite de Melo, José Brito Teixeira, José Leite de Melo, Francisco Antônio Batista, Raimundo Firmino Leite, Moacir Robledo, José Hito Monteiro Costa, José Gonçalves do Valle Filho, Apóstolos Nikolas Marinos, Antônio Jacques de Almeida e Raimundo Nonato de Souza.

Esqueçamos as *Colunas Quebradas* que, mesmo sem morrer, abandonaram suas trajetórias iniciáticas, deram as costas aos seus irmãos, e, insensatos, queimaram incenso às suas vaidades, esquecendo-se de seus básicos princípios, comportando-se como os caldeus ao dispersarem o bronze das *Colunas* de Salomão.

O maçom deve-se ver como um espelho nas *Colunas* do Templo e cientificar-se que é o sustentáculo de algo, nem que seja do seu próprio Irmão.

“Mas quando o ventre a terra romper a esterilidade e o choque universal acordar os habitantes da tumba, algum espírito gentil o longo enigma vai resolver! O tempo há de retroceder ao Éden; e mais além, antes dos anjos caírem e o céu ser maculado pela fumaça do Inferno. Foi 12 de agosto de 2011, após sessenta anos” – disse a voz cavernosa do destino.

“Após uma cirurgia de revascularização cardíaca, tive um pós-operatório turbulento, acometido de efeitos colaterais e paradoxais de anestésicos e sedativos. Desorientado, vaguei pela sombra da morte. Embarquei com Caronte, singrando águas escuras e revoltas, enfrentando procelas terríveis, passando pelas portas do Inferno, quando da sede intensa, das aspirações orotraqueais e da dor lancinante das escaras de decúbito. Eram os verdadeiros Cavaleiros do Apocalipse, anunciando o Armagedon.

Em meu devaneio e delírio, o grande quiróptero espreitava-me. A ideia da morte já não me era tão hostil. Seria um descanso, um lenitivo. A ideia da reciclagem da matéria na mãe Terra era forte e constante, em paradoxo com a vontade de ter minhas cinzas guardadas após cremação. Meu espírito quedava-se abatido, impotente. Meu corpo involuía e assemelhava-se a um árido cacto, como um menorá hebraico ou arco de Titus vagando na canoa, na escuridão de minha mente alterada pelo coma induzido.

O êxodo se desenvolvia. O fim e o féretro estavam próximos. Imaginava vários epitáfios. Com melancolia, lembrava do trajeto de minha vida, desejando revivê-la pelo menos em algumas partes. *Saeculum saeculorum!* Comecei a ouvir o rosnar e o uivo de Cérebro, o cão de guarda do Inferno, e o cruel ceifeiro da dança da morte medieval preparava-se para assumir sua indumentária. Luzes no fim da escuridão começaram a brilhar. Eram pégasos errantes e Valquírias que, inicialmente bruxuleantes, voavam como faróis, expulsando as quimeras, mostrando que ainda havia um porto seguro, um abrigo a buscar. Eram meus amores, minha mulher e meus filhos, meus familiares, meus amigos, pacientes conterrâneos, Irmãos maçons, em seus desejos e preces ardentes por minha recuperação.

Eis que observo uma luz mais firme. É uma virgem que chora, empunhando um ramo de acácia, contemplando uma *Coluna Quebrada* encimada pela lenda de Hiram Abiff, o mestre de construção do Templo de Salomão. *Sanctus Sanctorum!* Ressurreição. A virgem era personificada por minha mulher Terezinha e tinha os seus cabelos presos nas mãos do Velho Tempo. Chorava porque o Templo interno do meu espírito não estava pronto para partir, ainda estava inacabado. Havia muito a fazer por minha terra, minha família, meus Irmãos,

meu próximo e pela humanidade. A *Coluna Quebrada* que ela contemplava ainda não era a minha. O tempo, a paciência e perseverança concluirão todas as coisas.

O barqueiro, impassível com sua face inexpressiva, deu meia-volta e retornou à margem da vida, não me sendo permitido naquele momento furar a fila do destino. Este não surge feito. Decorre das escolhas feitas na vida, que devem ser norteadas pelo conhecimento, pela experiência e pela intuição.

Foram mais de quarenta dias de inanição. Hoje convalesço com algumas seqüelas, mas estou vivo! Continuo a aparar as arestas de minha pedra bruta. Repenso minhas convicções sobre a eutanásia e os ensinamentos cristãos com ou sem deificação, segundo os ensinamentos da humanidade.

Agradeço a todas as visitas e mensagens recebidas quando em meu leito no Hospital Adventista de Belém. Agradeço à equipe médica do Dr. Dionísio Bentes, Dr. Libonatti, Dra. Fátima Freire, Dr. Borges Leal, Dr. Gabay, à equipe de enfermagem do Hospital Belém, que me trataram em seu desiderato e em minhas vicissitudes. Agradeço aos meus Irmãos maçons nas pessoas do Sereníssimo Grão Mestre José Nazareno Nogueira Lima e Edir Miranda de Medeiros e aos meus amigos e familiares (Irmãos, Irmãs, Cunhados, Cunhadas, Sobrinhos e Sobrinhas, minhas noras Socorro e Ádrea, meu genro Rafael e meus netinhos Gabriel, Izabelle, Zé Mário e Ândreo) pela dedicação e apoio, credores da minha imorredoura gratidão.

Faço um agradecimento ao meu Irmão João Damasceno Filgueiras, prefeito municipal, e à senhora Maria do Socorro Damasceno Filgueiras, secretária municipal de Saúde, por resolverem minha situação funcional e facilitarem minha convalescência.

Ao Azaury e Bené, à Ivanilde e Fernando, à Zaíde, ao Janary e Rosângela, ao Dr. Gilvandro e à Iza – os meus mais sinceros agradecimentos.

Um agradecimento especial dirijo ao meu irmão Ismaelino e à querida Neuma que, por mais de um mês, cederam-me o conforto de sua própria alcova, para o meu restabelecimento domiciliar, quando ainda nem conseguia me locomover sozinho.

Não sei se minha mulher Terezinha e meus filhos Yousseff, Patrícia, André, Izolina e Juliana são deuses ou somente pessoas, porém, pela dedicação demonstrada, posso afirmar que eles reúnem as melhores qualidades de ambos.

Muito obrigado! Vivamos com Jesus Cristo! Congratulo-me com a Loja Maçônica Fraternidade Alenquerense nº 11, conclamando a todos os Irmãos a fazerem todo o possível para que suas *Colunas* não se quebrem e sirvam de exemplos para a humanidade.”

(Re)descobrimo F. Gomes de Amorim (XV) – o *mururé* e a *Victoria regia*

O *mururé* que enfeita os lagos e igarapés da Amazônia.

As preciosas lições de botânica que colhemos no tomo II da obra **O Cedro Vermelho** (1856/1874), de Francisco Gomes de Amorim, continuam surpreendentes e atualíssimas, muito embora escritas na segunda metade do século XIX. Na nota 25 do citado drama, eis como o escritor lusitano traça o singular paralelo entre o *mururé* e a *Victoria regia*, que ainda hoje tanto embelezam os lagos da Amazônia:

“O *mururé*, que ainda não vi descrito cientificamente, é uma ninfeia, do gênero *Victoria*, mas muito mais pequena. Penso que se encontra em todos os lagos do Brasil. No Amazonas conhecem-se diferentes espécies, sendo a de folhas menores chamadas pelos indígenas *mururé-mirim*, e as de folhas maiores *mururé*.”



John Lindley (1799-1865)

ré-açu. Mirim, quer dizer pequeno; guaçu, açu, significa grande.

A *Victoria regia*, de Lindley [NE: John Lindley, famoso botânico inglês do século XIX – foto abaixo à esquerda], cultivada hoje com mais especialidade nos aquários de Bélgica e da Alemanha, é também chamada pelos índios *mururé-açu* e *iapuna-caá* (iapuna, forno; caá, folha), com a semelhança dos fornos em que as índias fazem a farinha de mandioca. Mas que diferença entre as modestas plantas que vegetam nos tanques, expressamente feitos para elas nos jardins da Europa, e as que se criam nos lagos da América do Sul!

Aqui [NE: na Europa], atingem na maior grandeza o diâmetro de 50 a 70 centímetros. Lá [NE: na América do Sul], formam círculos perfeitos de mais de 2 metros de diâmetro! No Surubiú vi-as cobrindo por espaço de alguns quilômetros a superfície do lago, com as suas enormes folhas articulares, arrodeadas, espinhosas, arroxeadas pela parte inferior, levemente rosadas nas bordas e verdes por cima. Da haste curta e vertical, de onde brotam as folhas, nasce também a belíssima flor, que do branco aveludado vai passando por todas as cambiantes da rosa até à cor mais escura da púrpura, tomando ao centro o tom amarelo leitoso.

Agassiz [NE: Jean Louis Rodolphe Agassiz, geólogo e paleontólogo suíço – foto à direita], que a encontrou no lago Máximo, ao pé de Vila Bela, diz que ‘por mais maravilhosa ela pareça, quando se admira nos lagos artificiais, onde faz mais efeito por causa do seu isolamento, nos lugares que lhe são próprios tem outro encanto maior: o da harmonia com tudo o que a rodeia, com a massa compacta da floresta, com as palmeiras e as parasitas, as aves de resplandecente plumagem e os insetos de cores cintilantes e maravilho-



A *Victoria regia*, de Lindley (também chamada *Victoria amazônica*).

sas; com os peixes mesmo, que ocultos nas águas, por baixo dela, não têm matizes menos ricos e variados do que os do mundo vivente do ar.’



Louis Agassiz (1807-1873)

‘Havia no lago’, continua o referido viajante, ‘outra planta do mesmo gênero em pleno desenvolvimento. Era quase anã a par da *Victoria*, mas parecia gigante entre os nossos lírios de água. A folha media mais de 1 pé de diâmetro (33 centímetros) e era levemente festoada nas bordas; não tinha flores abertas, porém, os botões assemelhavam-se aos do nosso nenúfar branco e eram maiores; o pecíolo e as nervuras, ao contrário das da *Victoria*, eram assaz lisas e sem espinhos’. (*Voyage au Brésil*).

É este o verdadeiro *mururé* que o moço português [NE: o guarda-

marinha Francisco] oferece a Matilde [NE: logo na primeira cena do primeiro ato da peça **O Cedro Vermelho**]. Há diversas espécies, como já se disse, diferenciando-se umas das outras apenas pela cor das flores: brancas, amarelas, rosadas ou púrpuras.

Diz-se que os lagos de Alenquer e os das proximidades de Santarém são os mais ricos e abundantes destas plantas. O citado viajante diz, mais adiante: 'Depois de ter navegado algum tempo nesses almargeais (defronte de Santarém), penetramos nas lagoas onde a *Victoria regia* se

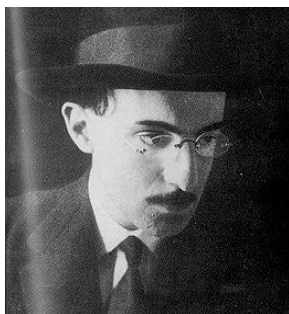
ostentava em todo o seu esplendor. Os espécimes que ali vimos eram muito mais belos do que os do lago Maximo. Uma folha que medimos tinha 1 metro e 70 centímetros (5 pés e meio), outra 1 metro e 60 e a borda chegava a 3 polegadas e meia de altura. Muitas folhas partiam do mesmo tronco e o seu conjunto era de efeito admirável, pelo contraste que faziam as meias tintas das bordas rosadas com o verde vivíssimo da superfície interior.'

Lembro-me perfeitamente de ter uma vez por curiosidade medido uma folha do *mururé* gigante (a *Vic-*

toria regia) de Surubiú, que tinha mais de 11 palmos (2 metros e 42 centímetros). Folhas e flores vivem indolentemente balouçadas pelas águas daquele formoso lago, ocupando uma grande extensão da sua superfície, e não é raro ver o jacaré boiar entre elas e esperar o peixe que anda à babugem com uma dessas esplêndidas umbelas enfiadas no pescoço, grave, tranquilo, vaidoso talvez com magnífico enfeite!"

Leia o PORTAL **O Marambiré**
www.omarambire.com.br

À moda de Fernando Pessoa (1888-1935): Conceitos de Perfeição



"Nasce o *ideal* da nossa consciência da *imperfeição* da vida. Tantos, portanto, serão os ideais possíveis, quantos forem os modos por que é possível ter a vida por imperfeita. A cada modo de a ter por imperfeita corresponderá, por contraste e semelhança, um conceito de perfeição. É a esse *conceito de perfeição* que se dá o nome de *ideal*.

Por muitas que pareça que devem ser as maneiras por que se pode ter a vida por imperfeita, elas são, fundamentalmente, apenas três. Com efeito, há só três conceitos possíveis de imperfeição, e, portanto, da perfeição que se lhe opõe. Podemos ter qualquer coisa por imperfeita simplesmente por ela ser imperfeita; é a imperfeição que imputamos a um artefato mal fabricado. Podemos, por contra, ter a por imperfeita porque a imperfeição reside, não na realização, senão na essência. Será quantitativa ou qualitativa a diferença entre a essência dessa coisa imperfeita e a essência do que consideramos perfeição; quantitativa como se disséssemos da noite, comparando-a ao dia, que é imperfeita porque é menos

clara; qualitativa como se, no mesmo caso, disséssemos que a noite é imperfeita porque é o contrário do dia.

Pelo primeiro destes critérios, aplicando-o ao conjunto da vida, tê-la-emos por imperfeita por nos parecer que falece naquilo mesmo por que se define, naquilo mesmo que parece que deveria ser. Assim, todo o corpo é imperfeito porque não é um corpo perfeito; toda a vida vida imperfeita porque, durando, não dura sempre; todo o prazer imperfeito porque o envelhece o cansaço; toda a compreensão imperfeita porque, quanto mais se expande, em maiores fronteiras confina com o incompreensível que a cerca. Quem sente desta maneira a imperfeição da vida, quem assim a compara com ela própria, tendo-a por infiel à sua própria natureza, força é que sinta como ideal um conceito de perfeição que se apoie na mesma vida. Este ideal de perfeição é o ideal helênico, ou o que pode assim designar-se, por terem sido os gregos antigos quem mais distintivamente o teve, quem, em verdade, o formou, de quem, por certo, ele foi herdado pelas civilizações posteriores.

Pelo segundo destes critérios teremos a vida por imperfeita por uma deficiência quantitativa da sua essência, ou, em outras palavras, por a considerarmos inferior – inferior a qualquer coisa, ou a qualquer princípio, em o qual, em relação a ela, reside a superioridade. É esta inferioridade essencial que, neste critério, dá às coisas a imperfeição que elas mostram. Porque é vil e terreno, o corpo morre; não dura o prazer, porque é do corpo, e por isso vil, e a essência do que é vil é não poder durar; desaparece a juventude porque é um episódio desta vida passageira; murcha a beleza que vemos porque cresce na haste emporal. Só Deus, e a alma, que ele criou e se lhe assemelha, são a perfeição e a verdadeira vida. Este é o ideal que poderemos chamar cristão, não só porque é o cristianismo a religião que mais perfeitamente o definiu, mas também porque é aquela que mais perfeitamente o definiu *para nós*.

Pelo último dos mesmos critérios teremos a vida por imperfeita por a julgarmos consubstanciada com a imperfeição, isto é, não existente, porque a não existência, sendo a negação suprema, é a absoluta imperfeição. Teremos a vida por ilusória; não já imperfeita, como para os gregos, por não ser perfeita; não já imperfeita, como para os cristãos, por ser vil e material; senão imperfeita por não existir, por ser mera aparência, absolutamente aparência, vil portanto, se vil, não tanto com a vileza do que é vil, quanto com a vileza do que é falso. É deste conceito de imperfeição que nasce aquela forma de ideal que nos é mais familiarmente conhecida no budismo, embora as suas manifestações houvessem surgido na Índia muito antes daquele sistema místico, filhos ambos, ele como elas, do mesmo substrato metafísico. É certo que este ideal aparece, com formas e aplicações diversas, nos espiritualistas simbólicos, ou ocultistas, de quase todas as confissões. Como, porém, foi na Índia que as manifestações formais dele distintivamente apareceram, podemos ser imprecisos, porém não seremos inexatos, se dermos a este ideal, por conveniência, o nome de ideal índio." (Em *Textos de Crítica e de Intervenção*).